

A QUESTÃO DA *REMINISCÊNCIA* EM DOIS DIÁLOGOS DE PLATÃO: *MÊNON E FÉDON*

Tiago do Rosário Silva¹¹⁵

RESUMO: O problema da *reminiscência* é central na filosofia de Platão. Nomeadamente, é nuclear para a elaboração de um estudo no que tange à sua concepção de conhecimento. Abordar este tema amplo requer um enfoque específico, que no caso deste trabalho centra os esforços em dois diálogos, o *Mênon* e o *Fédon*. Ao entender a *reminiscência* como um dos temas centrais da teoria platônica, faz-se necessário expor seus pressupostos, tal como, a *hipótese das formas*. Nosso objetivo neste estudo visa apontar os contextos de aproximações e possíveis distinções no tocante a *reminiscência*, de modo que para esta tarefa, propõe-se expor como ela aparece no *Mênon* e no *Fédon*. Esta escolha se deve à identificação de um modelo exemplar observado no *Mênon*, e um modelo teórico observado no *Fédon*.

Palavras-chave: Platão; Reminiscência; Sensíveis; Inteligíveis.

RÉSUMÉ: Le problème de la *réminiscence* occupe un lieu central dans la philosophie de Platon. Il s'agit d'une position essentielle à cause d'une étude élaborée dans le sens de leur conception de connaissance. Pour aborder ce vaste thème, il faut se concentrer sur un point précis qui, dans le cas de cet article, se concentre sur deux dialogues, le *Ménon* et le *Phédon*. En comprenant la *réminiscence* comme l'un des thèmes centraux de la théorie platonicienne, il est nécessaire d'exposer ses hypothèses, comme l'hypothèse des *formes*. Notre objectif dans cette étude c'est mettre en évidence les contextes d'approximations et de distinctions possibles concernant la *réminiscence*, et pour cette tâche, nous proposons d'exposer comment elle apparaît dans le *Ménon* et le *Phédon*. Ce choix est dû à l'identification d'un modèle exemplaire observé dans le *Ménon*, et d'un modèle théorique observé dans le *Phédon*.

Mots-clés: Platon; Réminiscence; Sensibles; Intelligibles.

¹¹⁵ Possui graduação em filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, Mestrado em filosofia pela Universidade Federal da Paraíba, e cursa doutorado em filosofia pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia UFPB/UFPE/UFRN. É professor no Instituto Federal da Paraíba-IFPB, e membro do GEMPE-IFAL (Grupo Multidisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação).

1. Introdução

O presente estudo se dedica à interpretação do problema da *reminiscência* na filosofia de Platão, de modo que, para realizá-lo adequadamente faremos uso de dois diálogos, quais sejam, o *Mênon* e o *Fédon*, nos quais acreditamos que a temática se coloca propícia para nossa análise. Efetivamente, se pode supor que temos duas formas bastante distintas de apresentar a temática nesses dois diálogos, ainda que eles possam em muitos momentos concordar. Vale dizer que no *Mênon* identifica-se um exercício prático, a saber, por meio da formalização do esquema geométrico como forma de acesso ao inteligível, e, no *Fédon* uma apresentação mais teórica do problema.

Acerca do modo pelo qual Platão constrói sua análise no que tange à capacidade de conhecer, ou seja, como constitui sua epistemologia, deve-se avaliar que há uma distinção que fundamentada em um dualismo. Este, por vezes, identificado como antagônico. O dualismo é constituído pela separação entre o sensível e o inteligível (*República*, VI, 508e), sendo que há nesta constituição da *episteme* uma operação hierárquica, a saber, o inteligível se constitui no que mais se aproxima do conhecimento verdadeiro; em termos platônicos, o que possibilita o conhecimento verdadeiro. De tal modo, não se pode pensar os objetos sensíveis sem que haja a hipótese do inteligível. No entanto, há uma mediação entre os sensíveis e os inteligíveis e esta mediação é a alma¹¹⁶. Por outro lado, é preciso que exista uma finalidade na ação dos homens, ou seja, para que se alcance o conhecimento verdadeiro é necessário que se proceda tendo em vista uma finalidade. Segundo a *República* de Platão, esta finalidade é o Bem, daí ele afirmar: “Fica sabendo que o que transmite a verdade aos objectos cognoscíveis e dá ao sujeito que conhece esse poder, é a ideia de Bem” (*República* VI, 508e).

É possível apresentar uma conexão entre o que está no projeto de pesquisa Platônico e o que se relaciona com a filosofia precedente, conhecidos com filósofos da *physis*. De tal modo, o debate com estes autores (com os quais Platão dialoga) se coloca ora de forma nominal, ora de forma implícita e/ou genérica, e remonta ao estudo da relação entre *unidade e multiplicidade*. E com isto se impõe a pergunta: como passar da multiplicidade à unidade? Em formulação mais

¹¹⁶ Acerca da função da alma neste passo da *República* concordamos com o professor José Trindade Santos (2009) que nos fala: “A alma comparece na analogia do sol depois de ter sido perfeitamente caracterizado o modo como os sentidos operam no visível (VI 507b-508b). A primeira referência ocorre em em 508d, a propósito da contemplação da verdade que produz a manifestação da inteligência. Consequentemente, mesmo que o texto não a refira não podemos esquecer que só pode ser a alma a receber do Bem a potência cognitiva, que aspira ao “que se acha para lá da realidade (509d)”. (SANTOS, J.T. *Para ler Platão: Alma, cidade, cosmo. Tomo III*. São Paulo: Loyola, 2009, 78).

apropriada, como passar da multiplicidade dos sensíveis¹¹⁷ à unidade do inteligível? É com o objetivo de responder a esta pergunta clássica que Platão desenvolve em diversos diálogos (*Mênon*, *Fédon*, e *Fedro*) a centralidade da tese da reminiscência. O modelo da reminiscência torna-se deste modo fundamental para compreender a questão epistemológica.

Ao entender a *reminiscência* como tema central de uma teoria platônica, faz-se necessário expor seus pressupostos. Tais pressupostos podem ser colhidos em diversos diálogos. Como já enunciamos antes quais são diálogos em que a tese aparece de forma mais contundente, é mister fazer um recorte, e por isso não trataremos os textos na sua integralidade. Tome-se como ponto de partida a necessidade de apontar de modo preliminar o caráter religioso dos postulados da reminiscência, pois remetem à noção de várias vivências que a alma teria experimentado, e a partir delas acumulado conhecimento pela contemplação das *formas*. No *Fedro* podemos apontar no passo 249 dois caminhos para a noção de reminiscência, que diz:

A alma que nunca contemplou a verdade não pode tomar a forma humana. A causa disso é a seguinte: É que a inteligência do homem deve se exercer segundo aquilo que se chama Ideia; isto é, elevar-se da multiplicidade das sensações a unidade racional. Ora, esta faculdade não é mais que a recordação das Verdades Eternas que a nossa alma contemplou¹¹⁸ quando acompanhou a alma divina das suas evoluções.¹¹⁹

Este passo aponta para a noção religiosa de *vida no além*, e conseqüentemente, o ponto de partida pode ser dado então para a *anamnese* como resultante de uma crença religiosa, mas não se constitui como razão suficiente para as provas que Sócrates buscará defender no desenvolvimento da exposição da *reminiscência* seja no *Fédon*, no *Fedro* ou no *Mênon* (81 b-c). Ao mesmo tempo, o passo aponta para a necessidade de se compreender o processo que toca à alma, o de sair da “multiplicidade das sensações para a unidade racional” (*Fedro*, 249 b), o

¹¹⁷ Ainda que no contexto do *Teeteto* a noção de como se aplica o conhecimento, e conhecimento como saber dos sensíveis em oposição ao saber do inteligível, identificamos um problema no sentido do questionamento da *intuição das formas* como a única portadora do saber. Podemos citar John Cooper (1999) que em seu artigo *Sense-perception and knowledge*, que ao analisar o pensamento de Cornford diz: “Cornford's attempt to combine his distinction between sensation and judgment with a reaffirmation of doctrine that only the intuition of Forms deserves the name 'knowledge' produces a confused and inadequate line of thought.” (COOPER, J.M. "Sense-perception and knowledge". In. FINE, Gail. *Plato 1: Metaphysics and Epistemology*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 357). Mais à frente, ainda no debate que coloca em tela a oposição entre duas operações da mente/alma ele diz: “Once again it is obvious that what interests Plato is the contrast between two operations of the mind, perceiving through the senses, and reflexion, comparison, prediction, and in general the interpretation of the significance of what one perceives. Neither here nor elsewhere does he raise the question how the mind acquires its knowledge of the common terms which it employs in its interpretative activity” (COOPER, 1999, p. 368).

¹¹⁸ Este passo aponta ainda para a idéia de que o filósofo seria o predileto entre os nove destinos aos quais a alma estaria sujeita quando perdesse as asas e tivesse que encarnar. Sendo assim, a partir dele, temos espaço para discussões do ponto de vista ético, além do epistemológico. É ainda apontado de forma rápida, porém fundamental, a função da memória no processo de lembrança das idéias contempladas.

¹¹⁹ Outra narrativa que expõe a noção de que as almas teriam contemplado antes de encarnar as verdades, pode ser encontrado no mito de Er na *República X*.

que torna a passagem um referencial para o entendimento da busca humana pelo saber, e ainda mais, retoma o percurso platônico denominado *dialético*, da passagem do sensível ao inteligível.

Nosso objetivo neste estudo visa apontar os contextos de aproximações e possíveis distinções no tocante a *reminiscência*, de modo que para esta tarefa, propõe-se expor como ela aparece no *Mênon* e no *Fédon*. Esta escolha se deve à identificação de um modelo exemplar observado no *Mênon*, e um modelo teórico observado no *Fédon*.

2. O modelo exemplar apresentado no *Mênon*

Para entender como Platão desenvolve o que será expresso na *Teoria da Reminiscência*¹²⁰, deve-se introduzir a definição que estrutura a pesquisa desenvolvida no diálogo *Mênon* (82d), a saber, que: “pelo visto, o procurar e o aprender são, no seu total, uma rememoração”.

É neste contexto que podemos tratar da análise de Platão acerca do problema como uma *metodologia da aprendizagem*. Esta noção se insere no âmbito do questionamento da transmissão do conhecimento, é nele que se identifica aquilo que é caracterizado como *reminiscência*. É forçoso dizer que Platão assume a dúvida sobre a capacidade de ensinar algo¹²¹, e para isto toma como pressuposto a hipótese da reminiscência.

Verifica-se que é comum aos dois diálogos o pressuposto da imortalidade da alma, remetendo-nos ao caso do *Mênon* lê-se: “Dizem eles pois que a alma do homem é imortal, e que ora chega ao fim e eis aí o que se chama morrer, e ora nasce de novo, mas não é jamais aniquilada” (*Mênon*, 81b).

¹²⁰ Somos partidários de que o termo *Teoria da Reminiscência* deve ser tomado com uma expressão didática, haja visto Platão não ter formalizado em sua obra tal expressão, apesar de a tornar possível a partir das indicações por ele apresentadas. Ainda que não expressamente formulada por Platão nestes termos, concordamos com SANTOS, (2008) ao dizer que “É consensual considerar platônicas teorias como as da ‘Anamnese’ (ou ‘Reminiscência’; [...]), das ‘Formas’, da ‘Participação’, do ‘Amor’, bem como atribuir ao filósofo uma ou mais concepções de ‘Dialética’ a estas associado” (SANTOS, J.T. *Para Ler Platão: O problema do saber nos diálogos sobre a teoria das formas*. Tomo II. São Paulo: Loyola, 2008, p. 13).

¹²¹ Sobre o seu principal personagem, as passagens nas quais Sócrates assume saber são raras, pelo contrário, há uma célebre passagem na qual ele afirma não saber (*Apologia de Sócrates*, 21d). Mas é no Banquete que encontramos uma fala em que Sócrates afirma ser “terrível nos assuntos do amor” (*Banquete*, 198d).

Isso implica que uma referência importante para a relação que Platão estabelece entre seus argumentos na elaboração da *Teoria da Reminiscência* é a escatologia¹²². Em vários momentos de sua obra, Platão afirma que a alma é imortal e que passa de um corpo a outro (transmigração)¹²³. Mas ele não informa de onde tirou este postulado, a única indicação é de que estas teses teriam origem em textos antigos e sagrados. É recorrente este modo de indicar a proveniência da idéia de imortalidade. No *Mênon* (81 a) textualmente “[...] pois ouvi homens e também mulheres sábios em coisas divinas”. E a única nomeação é Píndaro quando, ainda, para informar a procedência da tese da imortalidade Sócrates, diz:

Os que falam são todos aqueles entre os sacerdotes e sacerdotisas a quem foi importante poder dar conta das coisas a que se consagram. E também fala Píndaro, e muitos outros, todos o que são divinos entre os poetas. (*Mênon*, 81 a-b).

A referência também aparece no *Fédon* retomando uma antiga doutrina. Novamente não é explicitada a procedência: “Fixemo-nos, pois, neste ponto: as almas dos que morreram, vão ou não para o Hades? Segundo uma velha doutrina que já aqui lembramos, é ali que vão ter as almas que daqui partem, e aqui regressam de novo renascendo dos mortos” (*Fédon*, 70 c).

Um aspecto de destaque na apresentação da *reminiscência* no *Fedro*, no *Mênon* e no *Fédon*, é a informação da transmigração das almas, aquilo a que se chama de metempsicose. Esta questão estará referida inclusive a partir de uma hierarquia, exposta no *Fedro* 248, na qual a condição de filósofo seria a mais nobre possibilidade de encarnação de uma alma, que tem nove níveis diferenciados de encarnação¹²⁴.

¹²² Sobre o tema da escatologia no mundo grego há um precioso estudo de Alberto Bernabé. Neste texto pode-se ter um aprofundamento do estudo do orfismo, e portanto, muitas referências quanto ao tema da transmigração das almas, *pressuposto da reminiscência*. Cf. BERNABÉ, Alberto. *Platão e o orfismo: Diálogos entre religião e filosofia*. Trad. de Dennys Garcia Xavier. São Paulo: Annablume Clássica, 2011. Está de acordo com a tese da inspiração órfica para *Teoria da Reminiscência* Luc Brisson em: BRISSON, L. “La réminiscence dans le *Mênon* (80E-81E) et son arrière-plan religieux”. In: SANTOS, J. T. (Org). *Anamnese e saber*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999.

¹²³ A passagem sobre a transmigração no *Fédon* encontra-se em 70c.

¹²⁴ “Uma lei estabelece que, no primeiro nascimento, a alma não entra num corpo de um animal; aquela que mais contemplou gerará um filósofo, um esteta ou um amante favorito das Musas; a alma de segundo grau irá formar um rei legislador, guerreiro ou dominador; a alma do terceiro grau forma um político, um economista ou financista; a do quarto um atleta incansável ou um médico; a do quinto seguirá a vida de um profeta ou adepto dos mistérios; a do sexto terá a existência de um poeta ou qualquer outro produtor de imitações; a do sétimo de um operário ou camponês; a do oitavo, a de um sofista ou demagogo; a do nono, a de um tirano. Quem em todas estas situações praticou justiça moral, terá melhor sorte. Quem não a praticou cai em situação inferior” (*Fedro*, 248).

Portanto, já que estamos tratando da reminiscência no *Mênon*, a referência aparece para justificar como alguém pode *tirar de dentro de si algo que não sabe*. Sendo assim ele inicia logo após a pergunta pela virtude, a teoria da reminiscência¹²⁵.

Para demonstrar a tese da reminiscência Platão faz uso de doutrinas órficas¹²⁶ que proclamam a imortalidade da alma. Resulta que o pressuposto para que haja reminiscência é que antes de encarnar num corpo a alma já tenha contemplado as *formas*. Isso confere às *formas* o status de uma experiência pré-natal.

A incompreensão de *Mênon* quanto ao argumento impõe a Sócrates a necessidade de uma demonstração. Vejamos como isto ocorre.

2.1. Acerca do problema geométrico

No *Mênon* admite-se que Platão reconhece a dificuldade de articular no plano moral, um exemplo prático daquilo que será necessário utilizar como pressuposto para explicar as formas. É por isso que o recurso utilizado será a geometria. Se quisermos, pode-se ainda identificar a ênfase na importância do recurso à geometria, se recorrermos ao programa de disciplinas apontado como currículo do projeto educacional platônico desenvolvido no *Livro VII da República*. Ao estabelecer este currículo¹²⁷ Platão diz que ela é: [...] aquela ciência comum, da qual se utilizam todas as artes, todos os modos de pensar, todas as ciências - e também aquela que é preciso aprender entre as primeiras. (*República VII*, 522c).

Verifica-se neste passo a supremacia¹²⁸ atribuída por Platão à geometria, como aquela ciência sem a qual nenhuma das outras pode realizar com primor o seu legado. Isto explica, a

¹²⁵ Bernabé diz: “O fato é que Platão aceita a idéia órfica de que a alma é imortal, o que supõe que seja algo separado do corpo que, por sua vez, é mortal. E neste caso, o faz porque lhe serve adequadamente para sustentar a teoria da reminiscência, que não é, de modo algum, órfica”. (BERNABÉ, 2011, p. 162)

¹²⁶ Cf. BERNABÉ, 2011, p. 162 ss.

¹²⁷ O programa platônico das disciplinas é trabalhado em *República VII*, 518c-531c. Contudo não se encerra neste conjunto de disciplinas, e precisa passar a dialética dialética, *República VII*, 531d-534e; 537b-539e. Sobre a dialética, ver ainda Motta (2015): “Tal como se afirma na *República*, o método necessário para o conhecimento das Formas e, principalmente, da Forma do Bem, do qual depende todo o conhecimento das demais Formas, é o método dialético, então, pode afirmar-se que o conhecimento das Formas é o que se dá no termo de um processo dialético completo e bem conduzido (MOTTA, Guilherme D. “Há teoria da reminiscência na República de Platão?” In. CARVALHO, M.; CORNELLI, G.; MONTENEGRO, M. A. (org.) *Platão*. São Paulo: ANPOF, 2015, p. 179). O saldo desta oposição, é que pouco se pode afirmar o quanto da imagem negativa descrita por Platão em relação aos sofistas é de fato verdadeira.

¹²⁸ Para exemplificar a importância da matemática no contexto cultural, Platão recorre em *República VII* (523d) um exemplo no qual: “Palamedes, dizendo-se o inventor do número, pretende ter distribuído os postos do acampamento em Ílion e ter contado os navios e tudo o mais, como se antes estivessem por contar, e como se Agamemnon não soubesse sequer, ao que parece, quantos pés tinha, uma vez que não sabia contar?”. No exemplo está exposta a noção de que a matemática é fundamental para o conhecimento estratégico da guerra, um conhecimento requerido de forma ampla na maioria das cidades estado gregas.

nosso ver, por que no *Mênon* ele tomará para exercício de demonstração da reminiscência um modelo geométrico.

No *Mênon*, o ponto de partida para apresentar a análise do argumento da reminiscência, não é ela mesma enquanto um ato cognitivo. Pelo contrário, Platão inicia o diálogo com um questionamento moral, se assim pudermos dizer, tal questão se dirige à virtude. Neste sentido, o texto aborda a questão do seguinte modo:

A virtude é coisa que se ensina? Ou não é coisa que se ensina mas que se adquire pelo exercício? Ou nem coisa que se adquire pelo exercício nem que se aprende, mas algo que advém aos homens por natureza ou por alguma outra maneira? (*Mênon*, 70a)

De fato, o que se pode perceber é que tanto no *Mênon* quanto no *Fédon*, Platão insere a argumentação acerca da Reminiscência nos contextos desses diálogos, são eles a temática da virtude e a argumentação da imortalidade da alma. Segundo Sócrates, a abordagem da questão da *virtude* apresentada por *Mênon*¹²⁹ está equivocada, e por isto precisa ser revisada. Como ele faz isto? Apresentando a necessidade de que se questione *o que algo é* (*Mênon*, 71 a), ao invés de se dizer *como é?*. Este é o contexto no qual o debate se insere, e ao longo de boa porção do texto os personagens se concentram nele, mas o nosso problema é explicitamente colocado, num momento em que se busca responder à questão que se impõe de maneira diferente. Não podendo responder como é a virtude¹³⁰, nem o que é a virtude, o debate se encaminha para a questão de como se conhece¹³¹. E como vimos, este debate é problematizado através da *reminiscência* (*Mênon*, 81e).

Para o exercício de demonstração Sócrates recorre à presença de um escravo (*Mênon* 82a-85b) e estabelece os requisitos para que o experimento seja correto: “*falar grego*” ou seja, ser capaz de compreender e se comunicar na mesma língua. O objeto da atividade é verificar se

¹²⁹ Em 80 a-b *Mênon* explica como o modelo socrático de investigação o coloca em aporia, tanto quando a ele. Isto revela que o *elenchos* socrático (Sobre o *elenchos* cf. SANTOS. *Para ler Platão: A ontoepistemologia dos diálogos socráticos*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 47-55) se impõe como a metodologia de refutação socrática, que libera os interlocutores do saber prévio de algo, para poder investigá-lo de maneira livre. A exemplo, a reação de *Mênon* quando se vê em aporia é esclarecedora: “[...] miríades de vezes, sobre a virtude, pronunciei numerosos discursos, para multidões, e muito bem, como pelo menos me parecia. Mas agora, nem sequer o que ela é, absolutamente, sei dizer.” (PLATÃO. *Mênon*, 80b). É também interessante como Sócrates explica a sua posição ao dizer que: “Não é sem cair em aporia eu própria que faz cair em aporia os outros” (*Mênon*, 80 c).

¹³⁰ Segundo Santos: “Com a introdução do método hipotético a investigação sobre a virtude realiza finalmente alguns progressos. Mas estes não vão longe. Apesar da coerência com que as proposições acrescentadas à hipótese a confirmam, a definição <virtude é saber> não se pode considerar correta. Pois implicaria a existência de mestres capazes de ensinar. Ora, na cidade, ninguém é capaz de os apontar (89c-e)” (SANTOS, J. T. (Org). *Anamnese e saber*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999, p. 80).

¹³¹ Conforme Kahn (2011, p. 121) “O desafio do *Mênon* é feito no contexto da busca da definição de virtude, uma busca governada pelo princípio da prioridade da definição - o princípio que sustenta que não se pode conhecer *X* a menos que se saiba *o que é X*” (KAHN, Charles. *Platão e a reminiscência*. In. BENSON, Hugh. H. Platão. Trad. De Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011).

o escravo *rememora ou aprende* com Sócrates. O exercício proposto por Sócrates então revela que o escravo chega a uma resposta por meio da pergunta, e não por que está sendo ensinado. Ou seja, que se a pergunta for bem direcionada, a resposta será liberada do interior de quem raciocina. Ainda com o escravo, Sócrates utiliza o seu mecanismo clássico, levá-lo à aporia, para que ele perceba o erro e busque uma nova solução (*Mênon*, 83a). Embora chegue a um resultado, o escravo havia se limitado a realizar operações elementares sobre o esquema desenhado e, portanto, se mostrava incapaz de responder quando o esquema não permitia a visualização da resposta. O fato é que o escravo ao fim de um processo em que acompanha por meio de desenhos feitos por Sócrates chega a uma conclusão correta, ele consegue dizer que a linha pela qual se faz o *quadrado duplo* do *quadrado dado* é a *diagonal*. Este é o exercício utilizado por Sócrates para dar uma demonstração da reminiscência.

Portanto, como se pode extrair do *Mênon*, é a reminiscência que possibilita a nossa a que se *convencionou chamar de aprendizagem*, e na verdade, mais que a aprendizagem, numa formulação corretiva, o que chamamos aprendizagem é na verdade recordação/anamnese.

3. O modelo teórico/hipotético desenvolvido no *Fédon*

Identifica-se que o primeiro passo da reminiscência exposto no *Fédon*, e como diz Sócrates: “o mais elucidativo” (*Fédon*, 73 a), mostra aquilo que fora provado no *Mênon*: que com perguntas bem formuladas qualquer indivíduo será capaz de chegar por si mesmo a conclusões suficientes. Talvez chegará a mostrar que possui conhecimento (*ἐπιστήμη*), conhecimento este que deve ser proveniente de outro estado¹³², pois não o aprendeu agora, mas vai a caminho dele, ou seja, no momento exato no qual afirma saber.

A tese anunciada acima põe o seguinte problema: onde se encontra o conhecimento a ser lembrado a partir da reminiscência?

Ela se desenvolve na seguinte estrutura: se “aprender é recordar” (*Fédon*, 72 e); segue-se que aquilo que se recorda já deve existir em algo, ou como diz textualmente, aquilo que recordamos deve ter sido adquirido “*em tempo anterior ao nosso nascimento*” (*Fédon*, 73 a). Logo, tendo em vista os pressupostos apontados acima, segue-se que a alma deve existir antes do nascimento, ou seja, antes de encarnar na forma humana.

¹³² Tal estado é identificado com o que seria anterior ao nascimento.

Para que as almas sejam capazes de recordar faz-se necessário que nelas haja ἐπιστήμη (episteme). A via para explicar tal assertiva está na consideração da proposta de uma Teoria da Aprendizagem¹³³. Tal despertar como o encontramos referido no *Fédon* depende de uma boa pergunta, de uma pergunta bem formulada. É fundamental que aquele que se propõe ao diálogo com um interlocutor, para instigá-lo a lembrar do seu saber deve fazê-lo por meio de perguntas bem elaboradas: é preciso que “*saibamos perguntar*” (*Fédon*, 73 b). Este passo nos indica uma aproximação com o modelo exposto no *Mênon* 82a-85b.

Parece então ser plausível defender uma *tese da aprendizagem* em Platão, que tem no papel do mestre, não alguém detentor do saber (e de um saber divino), que deve ser aceito e guardado pelo discípulo. Ao contrário, a figura do mestre possui uma função distinta, a de orientar o discípulo ou interlocutor na sua busca. E esta orientação se dá, como no *Mênon*, e como se afirmou acima, no *Fédon*, através de um roteiro de perguntas bem formuladas sobre o saber que existe na alma.

Assim fica claro que há um momento inicial a partir do qual o indivíduo, tendo sido despertado, é capaz de recordar. Este momento deve estar associado a um aspecto específico, esse aspecto se liga aos sentidos, aos sensíveis. O escravo começa a recordar quando aceita o erro, ou aceita a correção. Isto aponta ainda a como esse despertar acontece, e qual o papel dos sensíveis no processo da reminiscência.

3.1. Os momentos da anamnese

Tendo em vista o que já tratamos com relação à *reminiscência*, cabe tentar apresentar uma ordem que busque responder à seguinte pergunta: Como se dá a anamnese?

Este processo poderá ser explicado a partir de três passos. No entanto, uma dificuldade evidente é tentar enquadrá-los numa seqüência cronológica. Esta seria verdadeiramente uma tentativa demasiado infrutífera, visto que esse processo que iremos enunciar será explicativo, em três passos;

1. Percepção;
2. Reminiscência das formas;

¹³³ Cabe expor a posição de Santos (2008, p. 55) que no contexto da análise das consequências da anamnese diz: “aos olhos da epistemologia atual, a concepção epistêmica não pode confundir-se com a teoria da aprendizagem, ou modelo cognitivo que implicitamente contém. Um coisa é definir o saber como um conjunto de estruturas ontoepistemológicas que o constituem *a priori* organizando a realidade sensível e possibilitando sua exploração. Outra é fazer consistir a aprendizagem (em termos platônicos, a aquisição do saber) na plena recuperação destas estruturas, apoiada numa metodologia de investigação definida: a dialética, associada ou não a metodologia hipotética”.

3. Reconhecimento.

Ao percebermos um dado objeto esta percepção nos remete para uma recordação, uma reminiscência das formas anteriormente contempladas. Somente por meio desta reminiscência será possível reconhecer o objeto percebido. Assim quando dizemos conhecer algo, necessariamente devemos ter internamente realizado este processo.

Em 73 c: “Ei-la, pois! - assentiu Sócrates. – Estamos de acordo, não é verdade, em que, para haver reminiscência, é imprescindível que antes se tivesse tido conhecimento do objecto que se recorda?” E em 74 a-c: “Nuns casos, a reminiscência se produz a partir de objetos semelhantes, e noutros, a partir de objetos dissemelhantes”.

Estes passos mostram os pressupostos epistêmicos para que haja reminiscência. E exemplifica os modos como ela pode se dar. O passo 74 mostra que é a igualdade ela mesma que permite reconhecer nos objetos a igualdade¹³⁴. Ou seja, é a idéia que permite reconhecer no objeto a qualidade que ela porta.

Símias efetua um questionamento sobre as provas da reminiscência (*Fédon*, 73a), ou seja, apresenta o interesse de saber como é possível haver reminiscência. A resposta concorda com o que está posto no *Ménon*, e afirma que é por meio do interrogatório bem formulado que um homem poderá dar por si mesmo respostas corretas, ou seja, se bem interrogado, ele chegará por conta própria ao conhecimento (*Fédon*, 73 a).

O que seria então o saber? No passo 75 e há uma breve indicação de que o saber é *agarrar* lembrança das *formas* (ἐννοεῖν). Sócrates visa mostrar que o processo se inicia na percepção que temos das coisas, pelo fato de ser necessária para despertar a recordação; ele diz: “Terá pois de ser através dos dados dos sentidos que nos apercebemos de que todas as realidades sensoriais tendem sempre para essa realidade do Igual, embora lhe fiquem bastante aquém” (*Fédon*, 75 a).

Não é difícil perceber que o conhecimento tem ligação com os sensíveis, pois é neles que precisamos comparar e reconhecer diferenças, semelhanças, etc. O importante ainda é perceber que a questão é recorrente nos diálogos apontando um percurso ascendente dos sensíveis ao inteligível. Como diria Platão *da multiplicidade dos sensíveis à unidade racional*. Em suas palavras: “A alma que nunca contemplou a verdade não pode tomar a forma humana. A causa disso é a seguinte: É que a inteligência do homem se exerce segundo aquilo que se

¹³⁴ O professor Santos analisa o passo do iguais num artigo que refiro na sequência: SANTOS, J. T. “Observações sobre “o igual” e “os iguais”: Fédon 72E-77A”. In. *Archai*. Brasília. N17, may-aug. 2016.

chama Ideia; isto é, elevar-se da multiplicidade das sensações a unidade racional” (*Fedro*, 249 c).

Assim sendo, diante do fato de que todos igualmente contemplaram as formas, aqueles que mais sabem, são aqueles que mais recordaram as *formas*, e a vida de um filósofo, por exemplo, é pautada pela busca dessa recordação. Na fala de Sócrates: “O saber não consiste senão nisto: em segurar determinado conhecimento que se alcançou e impedir que se perca... ou não dizemos nós, Símias, que esquecer é deixar escapar o que conhecemos?” (*Fédon*, 75 d). No entanto não é apenas ao filósofo que interessa saber se a reminiscência é possível a todos, pois todas as almas encarnadas em corpos humanos igualmente contemplaram as *formas* (*Fedro*, 249).

A partir desta noção de que todos podem recordar, ao fazer o devido exercício para alcançar tal objetivo, verificamos o papel da semelhança e da dessemelhança entre os sensíveis. Não é o mesmo recordar pela semelhança ou pela dessemelhança, mas ambos passam pelas captações efetuadas pelos sentidos e avaliadas pela alma. Com isso verificamos que a questão da reminiscência está de acordo com o *modelo epistemológico platônico*, no sentido de ser um meio de explicar como a alma realiza a conexão entre as duas instâncias, a sensível e a inteligível.

4. Considerações finais

O percurso ora apresentado só pode ser resolvido a partir de uma pergunta elementar, a saber, como é possível a reminiscência? Qual a sua relação com as formas? Responder a estas perguntas exige que a resposta leve em conta hipótese da *participação*. Ou seja, é que há uma comunicação entre a cópia e a forma.

A hipótese defendida pela tese da teoria da *reminiscência* nos coloca diante da possibilidade de um conhecimento que não se encontra no nível dos sensíveis, portanto, não seria a mera opinião. No entanto, se a nossa relação com as coisas se faz por meio da opinião, qual seria então a possibilidade de chegar a este conhecimento que se situa num nível elevado? Se aceitarmos a *hipótese da reminiscência*, temos de aceitar a *hipótese das formas*, e estas são a expressão mais contundente daquilo que pode ser identificado como conhecimento. De certo modo seria dizer que o saber é *agarrar reminiscência das formas*. Ou seja, o conhecimento seria capaz de acessar as coisas que permanecem sempre idênticas.

Isto não significa que se consiga alcançá-las, mas garante a possibilidade da busca uma vez que aponta para um caminho de pesquisa que se consolida na relação entre os *objetos sensíveis*¹³⁵, dispositivos que despertam a recordação das *realidades em si*, e o julgamento que a alma realiza da *participação* daqueles, nestas.

De acordo com o pensamento platônico então: ainda que não se possa garantir, e não se pode, a posse do conhecimento, o saldo deste processo é que a busca da reminiscência é o melhor meio de acesso à compreensão que é possível à alma humana.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARISTÓTELES. *De Anima*. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.
- BERNABÉ, Alberto. *Platão e o orfismo: Diálogos entre religião e filosofia*. Trad. de Dennys Garcia Xavier. São Paulo: Annablume Clássica, 2011.
- BRISSON, L. “La réminiscence dans le *Mênon* (80E-81E) et son arrière-plan religieux”. In: SANTOS, J. T. (Org). *Anamnese e saber*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999.
- COOPER, J.M. “Sense-perception and knowlodge”. In. FINE, Gail. *Plato 1: Metaphysics and Epistemology*. Oxford: Oxford Universtity Press, 1999.
- JAEGER, Werner. *Paidéia, a formação do homem grego*. 4ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KAHN, Charles. *Platão e a reminiscência*. In. BENSON, Hugh. H. *Platão*. Trad. De Marco Antonio de Ávila Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- MOTTA, Guilherme D. “Há teoria da reminiscência na República de Platão?” In. CARVALHO, M.; CORNELLI, G.; MONTENEGRO, M. A. (org.) *Platão*. São Paulo: ANPOF, 2015
- PLATÃO. *Fédon*. Introd. versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Coimbra: Minerva, 2004.

¹³⁵ Como muitos quando dizemos *objetos sensíveis* temos em mente a identidade destes com as cópias, na relação sensível/inteligível. Tal relação talvez tem a sua expressão mais acabada no argumento da *analogia da linha divindade* no livro VI da *República* 508e-510a.

- _____. *A República*. Trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 1990.
- _____. *Ménon*. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2001.
- _____. *Fedro. Cartas. O primeiro Alcibiades*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2007.
- PLATO. *Euthyphro. Apology. Crito. Phaedo. Phaedrus*. With an english translation by Harold North Fowler. Introduction by W. R. M. Lamb. London: Harvard University Press, 1914.
- PLATÓN. *Oeuvres Complètes*. Texte établi et traduit par Paul Vicaire. Tome IV 1er partie. Paris: Les Belles Lettres, 2006.
- ROBINSON, T. M. *A psicologia de Platão*. Trad. de Marcelo Marques. São Paulo: Loyola, 2007.
- SANTOS, J. T. (Org). *Anamnese e saber*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999.
- _____. *Observações sobre “o igual” e “os iguais”: Fédon 72E-77A*. In. Archai. Brasília. N17, may-aug. 2016.
- _____. *Para ler Platão: A ontoepistemologia dos diálogos socráticos. Tomo I*. São Paulo: Loyola, 2008, (A).
- _____. *Platão: a construção do conhecimento*. São Paulo: Paulus, 2012.
- _____. *Para ler Platão: O problema do saber nos diálogos da teoria das formas. Tomo II*. São Paulo: Loyola, 2008, (B).
- _____. *Para ler Platão: Alma, cidade, cosmo. Tomo III*. São Paulo: Loyola, 2009.
- SILVA, T. R. *O problema do saber no diálogo Fédon de Platão*. João Pessoa: UFPB, 2011 (Dissertação).